

Capítulo 5

Alguém acendeu uma luz no fim do processo

Aninha e Marcelo estavam em pé em frente a porta social do apartamento do Senhor Peter, o tal consultor de processos que era amigo do pai da moça.

- Não tenha medo, Marcelo, processos não mordem – falou Aninha.
- Quem morde são consultores de processos – respondeu Marcelo.
- Por quê?
- Eles mudam a forma como você trabalha e a sua rotina vira uma bagunça. Você vai ter que fazer inúmeros cursos muito chatos sobre como os processos funcionam. Além disso temos que produzir inúmeros artefatos. E no final ninguém vai querer seguir os processos e depois de muita confusão tudo volta a ser feito como era feito antes.
- Quem foi que te disse essa asneira?
- Um colega que é programador de uma empresa muito grande em São Paulo.
- O seu colega é muito burro. Você precisa procurar colegas mais inteligentes.

Aninha apertou a campainha. Ficaram esperando algum barulho de passos no apartamento, mas isso não aconteceu. A porta abriu e Aninha e Marcelo tiveram que se esforçar para conter o riso. O Senhor Peter estava usando um robe de chambre, na sua boca estava pendurado um cachimbo e calçava umas pantufas aveludadas que explicou a ausência de passos em direção a porta.

- Aninha, minha querida, queira entrar – falou o consultor.
- Este é o Marcelo, que trabalha comigo.
- Por favor entrem. Vamos para o meu escritório que é a primeira sala a direita no corredor.

Os dois entraram e o consultor, enquanto fechava a porta, deu uma boa olhada na bunda da Aninha, enquanto tragava o cachimbo e sorria em aprovação ao que via.

O escritório do consultor era uma sala cercada de estantes por todos os lados com uma mesa de reunião onde estava um laptop, e num dos cantos havia uma poltrona, supostamente para leitura, com um abajur. Os três se sentaram ao redor da mesa de reunião.

- Cara Aninha, o seu pai me ligou dizendo que a sua empresa estava com alguns problemas. Por favor me relate os problemas e caso eu possa ajudar terei o maior prazer em fazê-lo – falou formalmente o consultor.

- Aliás, pelo que eu soube a sua empresa atua na área de TI – complementou.
- Isso mesmo, nós desenvolvemos e mantemos softwares para várias empresas.
- E qual é o problema que vocês estão enfrentando?
- O nosso grande problema é o número de defeitos em produção. O pessoal do desenvolvimento é muito bom mas os defeitos se sucedem e os nossos usuários, ou seja clientes, ficam furiosos. O nosso chefe de desenvolvimento qualquer dia vai ter um enfarte.

O consultor deu um sorriso de canto de boca e puxou um pouco de fumaça do cachimbo.

- Você trouxe um organograma da empresa?

O pai da Aninha já tinha passado para ela algumas instruções solicitadas pelo Senhor Peter e ela passou para ele um envelope com as informações solicitadas.

O consultor abriu o envelope, pegou as folhas, e entre uma e outra tragada no seu cachimbo avaliou por alguns bons minutos todo o material.

- Vocês não têm uma área de controle de qualidade?

Marcelo e Aninha se olharam sem saber o que responder.

- E os testes dos softwares como são feitos?
- Nós desenvolvemos e depois testamos – falou pela primeira vez Marcelo.
- Não existe uma equipe de teste e nem analistas de qualidade?
- A equipe de teste são os próprios desenvolvedores.
- Atualmente as empresas usam equipes de analistas de teste, que não são os desenvolvedores, para fazerem os testes. Além disso analistas de qualidade avaliam também todo material antes da liberação para os usuários. Vocês não fazem isso?
- Não – responderam os dois constrangidos.
- Vocês não irão nunca alcançar um nível alto de qualidade se não atuarem com uma área específica de testes e pelo menos um analista de qualidade.
- Será que o senhor poderia ir na nossa empresa fazer uma palestra sobre essas mudanças? – perguntou Marcelo.
- Eu acho melhor indicar para vocês um outro consultor especialista nesta área. Eu sou um consultor empresarial e o ideal seria um consultor de qualidade de software. Eu tenho um conhecido muito bom, autor de vários livros. O nome dele

é Moreira. Eu vou passar para vocês o contado para que peçam a ele para ir conversar com vocês.

O consultor pegou o seu celular, procurou o telefone e anotou num pedaço de papel. Entregou depois para Aninha.

Conversaram mais um pouco sobre amenidades e despediram-se. Enquanto andavam pelo corredor em direção aos elevadores Marcelo comentou:

- Aposto que o Senhor Peter está em pé na porta olhando para a sua bunda.

- E daí? O que é bom é para se olhar.

Aninha deu uma olhada para trás e constatou que era verdade o que o Marcelo tinha falado.

- Gostar de olhar uma bunda não quer dizer que não seja um bom consultor, mas apenas que ele tem bom gosto – falou Aninha enquanto entravam no elevador.

- Como é que um sujeito fumando cachimbo em poucos minutos descobre um problema que tem nos atarantado há anos? – falou Marcelo.

- O problema não somos nós. São eles.

- Eles quem?

- Os nossos gerentes.

- Que bom ninguém vai poder colocar a culpa na gente.

- Você sabe que alguns já levaram a culpa e foram mandados embora da empresa.

- Eu sei, o Joaquim Piquinha foi um deles. Também o pobre coitado só produzia defeitos.

- O grande problema vai ser como introduzir essas mudanças num ambiente conturbado como o nosso.